

PSICANÁLISE E CINEMA: ARTICULAÇÕES ENTRE OS (DES)CAMINHOS DO DESEJO HISTÉRICO EM MARIANNE, DE BERGMAN, E EMMY VON N., DE FREUD

*Mírian Tenório Maranhão
Jerzúí Mendes Tôrres Tomaz*

Em seus Estudos sobre Histeria, Freud (1893/1996) nos apresenta Emmy Von N. À medida que o tratamento transcorre, percebe-se que Freud encontra-se diante de um enigma, em busca de algo que se situa para além das parapraxias, anestésias, hiperestésias. Não é preciso ir longe para perceber o quanto a trajetória teórica da Psicanálise é tributária da própria histeria; muito já foi problematizado acerca desta questão. No entanto, o que nos interessa aqui é justamente este ponto cego.

Busca-se, entretanto, continuar a trilhar este caminho no qual Freud, seguindo o entendimento de que a questão que permanece insolúvel diz respeito ao desejo da sra. Emmy – desejo que, se não exclusivamente, desorienta e desencaminha as pulsões –, apresenta outras possibilidades de trilhamento.

É por não ter sido bem sucedido, que o caso de Emmy von N. se torna aqui importante ilustração do enodamento do desejo. Apesar dos esforços de Freud, os sintomas histéricos da paciente tornam a aparecer ocasionalmente, a “*misère psychologique*” torna-se característica histérica (FREUD, 1888/1996, p. 132).

Mas, o que se compreende por esta *misère psychologique*, este empobrecimento psicológico? Se nos detivermos no caráter negativo do termo, estaremos nos centrando no adoecer constante, na reminiscência das lembranças as quais são temidas pelo histérico (FREUD, 1893/1996). Entretanto, se refletirmos a respeito deste termo podemos estar, então, adentrando, tal como o fez Freud, no caminho do desconhecido, onde a dúvida se faz presente e justifica a empresa de trilhar os enodamentos do desejo.

Buscamos centrar nossos interesses no ponto em que a *misère psychologique* se transforma em enriquecimento, uma vez que nos concede uma visada sobre o desejo e suas imbricações. Com este intuito lançamo-nos neste caminho, o qual não raramente se transforma em labirinto, caminho sem saída.

Tal como Freud afirma, a arte tem como efeito a produção de um estado de “perplexidade intelectual” (FREUD, 1914/1996, p. 217). É possível traçar um paralelo aqui entre arte e Psicanálise, não com o intuito de explicar uma pela outra, mas, sobretudo, de compreender a primeira como um recurso o qual vem se somar à segunda quando se faz uma mesma questão.

Segundo Jacques Rancière (RANCIÈRE, 2003 *apud* RIVERA, 2008), o cinema é uma forma de jogo entre o antes e o depois, entre causa e efeito. Tendo em vista essa concepção, é possível entender o cinema como um possível atalho, um caminho alternativo que buscamos ao persistir no trilhamento da dúvida que aqui se faz questão: a dúvida sobre o desejo histórico, desejo por si só.

Já de acordo com a concepção de Deleuze, o filme se apresenta como texto, sendo a imagem o próprio objeto, portanto, toda teorização acerca do cinema deve concebê-lo, pois, como uma “nova prática das imagens e dos signos” (DELEUZE, 2007, p. 332), sendo trabalho do estudioso que deseje articular esta forma de arte com outras disciplinas investigar de que forma os conceitos que o cinema suscita podem estar entrelaçados com o que é objeto de estudo de outras áreas de conhecimento.

Bergman se refere à sua arte como uma “fabricação de produtos artísticos, espécie de mensagens, de necessidade de um contato, de apelo a outrem” (IDESTAM-ALMQUIST, 1968, p. 151). Interessante notar que esse caráter de mensagem presente na obra de Bergman está de acordo com o que Rivera (2008) propõe como característico

de toda forma de arte: trazer à tona tudo que é essencial ao homem e que o transforma em sujeito.

Em *Cenas de um casamento*, Bergman (1972) aborda a comunicação entre o casal Johan e Marianne. Como sustenta seu idealizador, o filme retrata duas pessoas cuja educação moralizadora e repressora não fora bem sucedida no que se refere ao tratamento dispensado às questões emocionais. Ou seja, segundo Bergman, Johan e Marianne eram “emocionalmente analfabetos” (BERGMAN, 1972, p. 7), definidos como “filhos de convenções precisas e formados dentro da ideologia da segurança material” (BERGMAN, 1972, p. 7), e que “jamais consideram os princípios burgueses em que vivem como restritivos ou falsos” (BERGMAN, 1972, p.7).

Podemos ir adiante, ao considerarmos esse analfabetismo emocional uma espécie de ignorância dos fenômenos psíquicos inconscientes. Assim, o analfabetismo emocional ao qual Bergman se refere coincide com a ignorância do material inconsciente recalcado.

Cenas de um casamento é-nos interessante na medida em que possibilita uma visada sobre o desejo de Marianne, um desejo histérico e endereçado a outrem, tal como o desejo histérico da paciente de Freud. Esta relação constitui-se, portanto, em elemento básico de discussão deste estudo, uma das maneiras pelas quais podemos trilhar o (des)caminho do desejo histérico, sabendo que esta via que nos foi preferida é uma possibilidade dentre várias, através das quais se pode interrogar o desejo da histérica.

O desejo, pois, segundo Lacan, ligado de maneira indissociável à falta, vai balizar as relações que o sujeito constrói consigo mesmo e com o outro, vai mediatizar a maneira pela qual o sujeito concebe sua experiência com o mundo exterior. Nesse ponto, torna-se necessário falar em objeto do desejo ou objeto causa do desejo, este que inscreve e denuncia a falta, esta que, pretensamente, pretende tamponar.

O que está em questão na dinâmica amorosa/sexual é menos a existência de correspondência entre os desejos dos amantes e mais a tônica de desencontro que a caracteriza.

Por meio de uma entrevista dada a uma revista feminina, somos apresentados a Marianne, mulher de trinta e cinco anos e casada há dez com Johan, advogada especialista na área de divórcio. De acordo com o que considera felicidade e seus elementos essenciais, Marianne diz-se “bastante satisfeita” (BERGMAN, 1972 p.15) com a vida que leva. Quando perguntada sobre si pela jornalista, descreve-se como mulher casada e mãe de duas filhas.

O discurso de Marianne, apesar disso é angustiado e por isso nos leva, mais uma vez, aos meandros do desejo, sobretudo no que se refere à impossibilidade de completude, de encontro. Sabemos que as relações entre os sujeitos, de acordo com o ensinamento lacaniano, acontecem para aquém do campo da consciência, posto sua inscrição no campo do inconsciente, do desejo que nunca se deixa capturar. Portanto, apesar de todas as condições favoráveis ao sucesso do matrimônio de Johan e Marianne, ainda assim alguma coisa teima em falhar, em fazer lacuna e ocasionar o descontentamento que desemboca na angústia que nos é revelada pelo discurso de Marianne.

Sobre a dinâmica amorosa, Lacan (1960-1961/1992), em *A metáfora do amor*, revela que o des(encontro) amoroso provém desta falta que insurge irremediavelmente. Com isto, a proposição lacaniana é de que existe um hiato entre o objeto de nosso amor e de nossas fantasias e o Outro, “[...] na medida em que o amor fica se interrogando para saber se pode alcançá-lo” (LACAN, 1960-1961/1992, p.53).

O que é então o que angustia Marianne a não ser a falta de resposta acerca de seu próprio desejo, acerca da impossibilidade do Outro conhecer o seu desejo? O mesmo

desconhecimento acerca do próprio desejo pode ser percebido em uma das primeiras históricas freudianas: Emmy Von. N., a qual somos apresentados através do relato sistemático de seu caso na obra *Estudos sobre histeria*.

Emmy era uma mulher cujo discurso articulava-se com coerência e “revelava um grau inusitado de instrução e inteligência” (FREUD, 1888/1996, p.83). Tal como Marianne, a paciente recebera alto grau de instrução, moldado por “uma educação cuidadosa, mas sob a disciplina rígida de uma mãe excessivamente enérgica e severa” (FREUD, 1888/1996, p.83).

Como se nota, o que estava em questão, além da etiologia das lembranças patogênicas e do núcleo histérico das alucinações da paciente, era o seu desejo, sendo este central na determinação de seu estado, das suas “tempestades na cabeça”. Por sua vez, entretanto, Freud delineia os contornos do desejo de Emmy, não penetrando suficientemente fundo nesta questão, como confessara.

Era preciso que se desse voz ao desejo de Emmy. As palavras de Freud não deixam dúvida quanto à necessidade histórica de se fazer ouvida, sobretudo no que se refere à demanda que endereça ao médico: “*Disse-me [...] num claro tom de queixa, que eu não devia continuar a perguntar-lhe de onde provinha isso ou aquilo, mas que a deixasse contar-me o que tinha a dizer*” (FREUD, 1888, p.95).

Com o caso de Emmy von N., vislumbra-se que Freud não chega a um ponto de saída, a uma pretensa resolução, dissolução da sintomatologia histórica. Ao contrário, Freud vê-se diante de um labirinto, caminho sem saída que ultrapassa a descrição nosológica da histeria por denunciar as vicissitudes do desejo, para sempre incompreendido.

Ao longo do relato, percebe-se que a inclinação de Emmy a demandar de Freud uma resposta sobre seu estado de saúde e sobre os recursos terapêuticos se

associa a sua relutância em aceitar as indicações e sugestões do médico, tal como afirma Freud, em diversas passagens do relato.

Podemos, então, suspeitar: seria diante do desejo histórico que o método freudiano esbarrava? Ora, este não parece ter sido compreendido a partir do “levantar de um dedo” (FREUD, 1888/1996, p. 129) e tampouco parece ter sido posto em escuta durante o caso. No entanto, não se pode afirmar que não foi de interesse do médico tentar escutá-lo.

Emmy nos permite chegar ao ponto de seu desejo, que, mesmo incompreendido, não cessa de se colocar, como interrogação, ao desejo do médico, correspondente, ao desejo de cura

À semelhança de Emmy von N., Marianne também endereça a um Outro – ora representado pelo marido, ora pelo “medico-terapeuta” – seus questionamentos, sua busca por uma identidade, a pergunta sempre direcionada ao outro: quem sou?

Podemos dizer que, se Marianne endereça a seu marido e depois a seu médico a verdade de seu desejo através dos questionamentos, Emmy faz o mesmo com sua relutância ao aceitar os tratamentos e sugestões de Freud, o que, posteriormente, se transformará em sua própria dúvida quanto a ser ainda sugestionável.

Marianne e Emmy von N. nos revelam que, apesar de serem idealizadas e consideradas a partir de óticas diferentes, suas histórias possibilitam que sejam feitos os mesmos questionamentos, a saber: o que é o desejo histórico, quais são os trilhamentos que estes seguem e, especialmente, tal como sustenta Lacan, que valor ele tem para o Outro. Assim, talvez o único modo satisfatório de responder a estes questionamentos seja continuar trilhando este caminho, (des)caminho e labirinto ao mesmo tempo.

BIBLIOGRAFIA

BERGMAN, I. **Cenas de um casamento**. São Paulo: Círculo do Livro, 1972.

DELEUZE, G. **A Imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FREUD, S. Histeria (1888) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREUD, S.; BREUR, J. Casos Clínicos (2) Sra. Emmy von N. (1893) In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREUD, S. O Moisés de Michelângelo (1914) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 13. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

IDESTAM-ALMQUIST, B. A Suécia na História do Cinema In: **Cadernos de Cinema**. Portugal: Dom Quixote, 1968, p. 9-21.

LACAN, J. (1960-1961). **O Seminário livro 8**. A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

RIVERA, T. **Cinema, imagem e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SOBRE AS AUTORAS:

Mírian Tenório Maranhão. Psicóloga pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Mestra em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS/RS), professora de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas.

Jerzú Mendes Tôrres Tomaz. Psicanalista, Doutora em Letras e Linguística e Professora Adjunta da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).